UNIVERSIDADE DE UBERABA

CAMPUS AEROPORTO

PSICOLOGIA

GUILHERME DOS ANJOS SILVEIRA

IAN VICTOR CUSTÓDIO MARTINS

LUCAS GABRIEL GOMES

**VIOLÊNCIA E LINCHAMENTO NAS REDES SOCIAIS: UMA REVISÃO NARRATIVA PSICANALÍTICA**

UBERABA

2024

GUILHERME DOS ANJOS SILVEIRA

IAN VICTOR CUSTÓDIO MARTINS

LUCAS GABRIEL GOMES

**VIOLÊNCIA E LINCHAMENTO NAS REDES SOCIAIS: UMA REVISÃO NARRATIVA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Psicologia, Campus Aeroporto da Universidade de Uberaba como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Matheus Fernando Felix Ribeiro

Uberaba

2024

RESUMO

O presente artigo foi concebido com a finalidade de elaborar uma revisão bibliográfica a respeito do tema violência nas redes sociais e sua interpretação à luz da teoria psicanalítica. Neste sentido, foi realizado uma extensa pesquisa na plataforma “biblioteca virtual de saúde” por artigos que versassem ou fossem relacionados ao tema, a fim de se obter a melhor literatura possível sobre o assunto. Tendo como base três nichos de pesquisa com palavras chaves pré-selecionadas, chegou-se ao número de mais de 4.000 trabalhos encontrados no site de busca, sendo realizado então o método de exclusão, a fim de filtrar os materiais mais relevantes sobre o tema. Ao fim, 17 artigos foram selecionados, e estes foram divididos em seis eixos temáticos diferentes, a fim de se estabelecer a discussão a respeito do tema violência, redes sociais e psicanálise. O objetivo primordial de tal pesquisa foi reunir a literatura acadêmica sobre o tema, tão presente no debate público por cada vez mais trazer consequências negativas aos usuários da internet e, por muitas vezes, transcender os limites do virtual, tendo implicações diretas na vida das pessoas. A escolha da psicanálise como o método de interpretação deste fenômeno se dá pela relevância da mesma a partir de sua leitura do cotidiano social e de saúde, onde ela pode trazer importantes contribuições a fim de compreender a origem de tal fenômeno e maneiras de abordá-lo. Com tal pesquisa, o presente trabalho se propõe a analisar alternativas que se pautem pela redução do discurso violento nas redes e, consequentemente, gere um impacto positivo na vida das pessoas.

**Palavras-chave**: Violência; redes sociais; psicanálise

ABSTRACT

This article was designed with the purpose of preparing a bibliographical review on the topic: violence on social networks and its interpretation in the light of psychoanalytic theory. In this sense, an extensive search was carried out on the “virtual health library” platform for articles that dealt with or were related to the topic, in order to obtain the best possible literature on the subject. Based on three research niches with pre-selected keywords, the number of more than 4,000 works found on the search site was reached, and the exclusion method was then carried out in order to filter the most relevant materials on the topic. In the end, 17 articles were selected, and these were divided into six different thematic axes, in order to establish a discussion on the topic of violence, social networks and psychoanalysis. The primary objective of such research is to shed light on academic literature on the subject, which is so present in the public debate as it increasingly brings negative consequences to internet users and often transcends the limits of the virtual, having direct implications on the lives of people. people. The choice of psychoanalysis as the method of interpretation of this phenomenon is due to its relevance based on its reading of everyday social and health issues, where it can bring important contributions to understanding the origin of such a phenomenon and ways of approaching it. With such research, the present work proposes to analyze alternatives that are guided by the reduction of violent speech on networks and, consequently, generates a positive impact on people's lives.

**Keywords** Violence; social media; psychoanalysis.

SUMÁRIO

[INTRODUÇÃO 6](#_Toc26802)

[MÉTODO 7](#_Toc26803)

[RESULTADOS E DISCUSSÃO 7](#_Toc26804)

[Seleção de artigos na base 8](#_Toc26805)

[categorização de artigos na base 9](#_Toc26806)

[violência 12](#_Toc26807)

[internet e sexualidade 14](#_Toc26808)

[exclusão social 15](#_Toc26809)

[Sofrimento psíquico 16](#_Toc26810)

comportamento online............................................................... 18 Sociopolítica 22 [CONCLUSÃO 26](#_Toc26811)

[REFERÊNCIAS 26](#_Toc26812)

# INTRODUÇÃO

A internet foi criada com o objetivo de estabelecer uma rede de comunicação e informação entre centros militares e de produção científica nos Estados Unidos no ano de 1969. Atualmente, é o maior meio de comunicação utilizado no planeta com mais de 5 bilhões de usuários.

Com o seu surgimento, o comportamento das pessoas e a forma de se comunicarem, se informarem e se relacionarem com o outro foi afetada. Através das redes, o indivíduo sente-se mais confortável em expressar suas opiniões, sejam elas válidas ou não, graças a sensação de anonimidade e impunidade proporcionadas por algumas plataformas. Estes se tornaram então, espaços onde discursos violentos dirigidos a outros puderam ser perpetrados, com baixo risco de retaliação. Além disto, com o advento das redes sociais e comunidades online, surgiram também pessoas com grande destaque nas mesmas, possuindo diversos seguidores e um imenso público, o que geral outro fenômeno relacionado a violência nas redes: o cancelamento ou linchamento virtual.

A cultura de uma comunicação agressiva, de comentários criminosos que são protegidos pelo anonimato, a disseminação de comunidades com identificação violenta e a amplificação de discursos extremistas que alguns influenciadores possuem, contribuíram de maneira significativa para o crescimento de discursos violentos nas redes sociais. Além disto, o “efeito manada” termo criado pelo cirurgião britânico Wilfred Trotter em seu livro Peace and War, 1914, que descreve comportamentos em que as pessoas seguem a opinião ou ação de um grupo sem analisar os fatos ou fundamentos, podendo resultar em comportamentos impulsivos, ilustram bem o comportamento de rebanho adotados por algumas pessoas em situações de cancelamento virtual. Tais atos violentos encontram, muitas vezes, desfechos desastrosos para as pessoas envolvidas. O que sucinta as perguntas: qual ação pode ser adotada a fim de responsabilizar e criminalizar quem propaga a violência online? A psicologia e a psicanálise podem contribuir para a educação das pessoas na vida online?

Estudos recentes mostraram que grupos extremistas e terroristas encontraram no solo das redes sociais um ambiente fértil para o recrutamento de novos membros. Segundo Stern, 2015, o grupo jihadista Estado Islâmico ampliou a potência de seu esforço de guerra no oriente médio e ataques a alvos no ocidente a partir de sua presença nas redes sociais: “Embora seja extremamente importante manter as suas propagandas nas redes sociais... O EI considera as mensagens como sendo uma das principais frentes da sua guerra contra o mundo”. E não apenas o Estado Islâmico utiliza as redes como instrumento de terror. Em fóruns online conhecidos como “chans” grupos de adolescentes, em sua maioria homens, utilizam os espaços para elaboração de ataques armados contras estudantes em escolas, além de manterem uma espécie de culto aos executores de tais crimes. Apesar de os chans estarem restritos a camada internet conhecida como “dark web”, suas implicações encontram ecos nas redes sociais, na camada mais “superficial” da internet. Um caso que ilustra bem este fato é o crime ocorrido em 2019 no interior de São Paulo, que ficou conhecido como o “massacre de Suzano”. Neste episódio, toda a ação que resultou na morte de 07 pessoas foi planejada e incentivada pela internet, em chans da dark web. Como consequência, nas redes sociais, páginas e perfis foram criados para “celebrar” os atos destes criminosos, assim como de outros, como os autores do massacre de realengo (2011) e Columbine (1999). Outro caso emblemático que encontra eco nestes, é o caso do adolescente 13 anos que invadiu uma escola em 27 de março na Zona Oeste de São Paulo, matou uma professora e feriu cinco pessoas. Em seu perfil no Twitter, o autor fazia referências a um dos responsáveis do massacre em Suzano (SP) em 2019.

Outro acontecimento que merece menção em referência a disseminação do ódio na internet, se refere ao suicídio de Jéssica Canedo, de 22 anos. O caso, que se tornou amplamente discutido após seu suicídio em 2020, está intimamente ligado à disseminação de fake news e ao cyberbullying. Jessica, uma jovem influenciadora digital, foi alvo de boatos e ataques virtuais pela página Choquei, que publicou informações falsas sobre sua vida pessoal, afetando sua saúde mental.

Após a repercussão do caso, o impacto das fake news na vida de Jessica foi significativa. As postagens da página geraram um ambiente hostil e tóxico nas redes, levando a um aumento do cyberbullying. Vários relatos de amigos e familiares destacaram como as mentiras divulgadas impactaram seu bem-estar emocional, levando-a a se sentir isolada e desamparada, o que culminou em um suicídio. Após a sua morte, a tragédia causou uma onda de choque nas redes sociais, com muitas pessoas expressando condolências e discutindo a responsabilidade das plataformas digitais. A cobertura da mídia, incluindo reportagens de veículos como O Globo e UOL, ressaltou a necessidade de abordar o impacto das fake news e do bullying virtual, além de promover uma discussão sobre a saúde mental dos jovens na era digital.

O caso de Jessica Canedo é frequentemente utilizado como exemplo das consequências devastadoras que o cancelamento e o cyberbullying podem ter na vida das pessoas, incentivando movimentos e campanhas pela conscientização sobre saúde mental e a importância de um comportamento responsável nas redes sociais.

O cancelamento virtual ocorre quando, em decorrência de um descontentamento, por parte do público que utiliza as redes sociais, com algum ato realizado por figuras públicas, provoca violência via internet, em formas de agressões verbais, ameaças e humilhações. Seu estudo é importante visto que é algo que vem acontecendo frequentemente e trazendo consigo diversas consequências, como o suicídio do quadrinista Ed Piskor, no dia 1 de Abril de 2024.

O presente trabalho tem por finalidade, a realização de uma revisão narrativa cujo intuito é explorar materiais recentes sobre o tema proposto, a fim de elucidar a forma como tal tema está sendo explorado na academia, dada sua relevância para o contexto social atual, pois o estudo do cancelamento e da violência virtual trará importantes contribuições para que seja possível a compreensão de suas bases. Produzindo então conhecimentos sobre este fenômeno, espera-se encontrar caminhos para enfrentar este mal e diminuir os prejuízos causados.

# Método

Realizou-se uma revisão narrativa da literatura de caráter descritivo sobre as redes sociais: uma análise da psicologia psicanalítica. A coleta de dados foi realizada a partir de publicações indexadas nas bases de dados SciELO e BVS saúde no período de 01/02/2024 à 30/04/2024. Os termos utilizados para a revisão foram: “violência”, “Psicanálise”, “redes sociais” e “exclusão”.

Como critério de inclusão foram selecionados apenas trabalhos em língua portuguesa, nos últimos 10 anos. Foram excluídas produções que não eram de livre acesso.

# Resultados e discussão

Foram encontradas 4.338 publicações nas bases de dados. Após a identificação das publicações elegíveis, os seguintes passos foram realizados: leitura dos títulos para evitar possíveis duplicatas, leitura exploratória dos títulos e dos resumos, leitura seletiva dos títulos e resumos e escolha das publicações que estivessem alinhadas com os objetivos do estudo para compor o material. O material que compõe o presente estudo foi composto por 18 publicações.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Termos | Busca livre | Busca filtrada | Final |
| Redes Sociais and Psicanálise | 146 | 65 | 8 |
| Exclusão and Psicanálise | 220 | 75 | 4 |
| Violência and Redes Sociais | 3.972 | 240 | 5 |

Tabela 1. Seleção de artigos na base

Os resultados obtidos partir da revisão serão apresentados e discutidos a seguir em 6 categorias listadas a seguir. Estes foram considerados a partir da análise os tópicos mais relevantes da literatura.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| CATEGORIA | TÍTULO DO ARTIGO | AUTOR | ANO |
|  | ESCRITA PSICANALÍTICA SOBRE VIOLÊNCIA E PRECONCEITO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. | MACEDO, KOTHER; FELIN, KOTHER. | 2023 |
| VIOLÊNCIA | O PROJEÇÃO DO ODIO AO DIFERENTE NA ESCOLA: BULLYNG NUMA LEITURA FREUDIANA. | LONGO, MARQUES. | 2022 |
|  | FACEBOOK: NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES E O MEDO DA VIOLÊNCIA. | ROSA, MARRA SANTOS; RODRIGUES DOS. | 2014 |
| INTERNET E SEXUALIDADE | SEXUALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS. | SFOGGIA, KOWACS. | 2024 |
| EXCLUSÃO SOCIAL | DISCURSO E SEGREGAÇÃO. | GILES. | 2017 |
|  | INCELS E MISOGINIA ON-LINE EM TEMPOS DE CULTURA DIGITAL. | LIMA-SANTOS, VILLELA DE SOUZA; ANTÔNIO DOS. | 2022 |

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| SOFRIMENTO PSÍQUICO | OLHAR PARA O MUNDO DAS IMAGENS: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. | CORRÊA, NICOLATO; ILKA. | 2022 |
|  | ESTETIZAÇÃO DO SELF E ELABORAÇÃO PSÍQUICA: REPERCUSSÕES DAS REDES SOCIAIS NA SUBJETIVIDADE. | ROSA, MARRA E. | 2015 |
|  | CYBERBULLYING: CONCEITUAÇÕES, DINÂMICAS, PERSONAGENS E IMPLICAÇÕES À SAÚDE. | FERREIRA, DE SOUZA COSTA; FERREIRA. | 2018 |
| COMPORTAMENTO ONLINE | "NEM VER, NEM OLHAR: VISUALIZAR! SOBRE A EXIBIÇÃO DOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS" | DE CARVALHO; FILHO, DE ARAÚJO; LEÔNIA CAVALCANTE. | 2021 |
|  | ADOLESCENTES NA REDE: RISCOS OU RITOS DE PASSAGEM | DIAS, COSTA; LIMA, DE KELLES, FERNANDES; GOMES, DA SILVA; SILVA, ROSA DA. | 2019 |
|  | FACEBOOK E A ERA DA VISIBILIDADE: ALGUMAS COMPOSIÇÕES COM A PSICANÁLISE. | NICARETTA, BERNARDETE. | 2017 |
|  | UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DAS MASSAS NAS REDES SOCIAIS E A BUSCA POR UM NOVO IDEAL DO EU. | QUEIROGA, BARONE, LEDA MARIA CODEÇO; COSTA, RODRIGUES DA. | 2016 |
|  | PSICANÁLISE CRÍTICA: A ESCUTA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS. | LIMA, MELO RIBEIRO; LIMA, SOSTENES. | 2020 |
|  | DA VIOLÊNCIA PSICOPOLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DAS DIMENSÕES AFETIVAS. | NALLI, GOMES; MANSANO. | 2019 |
| SOCIOPOLÍTICA | OS DISCURSOS DE ÓDIO NA CONTEMPORANEIDADE: DA FACE SUBJETIVA À FACE POLÍTICA. | SOUSA, ROURE, GONÇALVES DE. | 2023 |
|  | OS FENÔMENOS DE MASSA E AS REDES SOCIAIS NO CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA | JALLES, CARVALHO DE SOUZA, DORIS LUZ. | 2023 |

# Tabela 2. categorização dos artigos

**Violência**

Medeiros e colaboradores (2023), partem do questionamento sobre como a psicanálise tem contribuído com os tópicos acima, o trabalho buscou identificar e refletir sobre o que foi produzido pela comunidade científica acerca dessas questões. Um dos diferenciais desta pesquisa é que ela se concentra especificamente na literatura psicanalítica a cerca deste tema; desta forma, temos então uma revisão sobre violência e preconceito utilizando a abordagem para reunir e analisar uma ampla gama de literatura psicanalítica existente sobre esses tópicos. Isso inclui estudos que exploram como a psicanálise conceitua e interpreta a violência e o preconceito, como esses fenômenos são manifestados psicologicamente nos indivíduos e na sociedade, e quais são as possíveis implicações clínicas e sociais desses entendimentos. O trabalho conceitua então, por meio de gráficos, ano de publicação dos artigos, seus temas, chegando ao total de 151 publicações para serem analisadas, observa-se um número maior de trabalhos produzidos em instituições de ensino superior. Dentre os conceitos e temas que os autores abordam no amplo espectro dos aportes da psicanálise que permitem a aproximação aos temas da violência e do preconceito, destacam-se reflexões a respeito de diferentes leituras psicanalíticas sobre o narcisismo, o trauma e o exercício pulsional, assim como se evidenciam as singulares formas contemporâneas de subjetivação e o predomínio do ato em detrimento de condições de simbolização. Acrescentam-se, ainda, referências, nos dados encontrados, ao valor do testemunho do sujeito frente às experiências de violência e preconceito, à complexidade dos processos de instauração da lei e ao fracasso de sua vigência à luz de vivências com as figuras primordiais, bem como à relevância de que a escuta clínica abarque os efeitos singulares sobre o sujeito, gerados por situações de violência e preconceito. O artigo finaliza então, concluindo que o aparato teórico produzido por tais trabalhos são capazes de oferecer um suporte para políticas públicas voltadas à prevenção da violência e para a criação de leis que visem não levar em conta a consequência punitivista, mas sim a prevenção.

Marques (2022), explora o fenômeno do bullying sob uma perspectiva freudiana. Ele investiga como as dinâmicas inconscientes, como mecanismos de defesa e identificação, influenciam o comportamento agressivo de alunos em relação aos seus pares considerados diferentes. O objetivo é pensar o fenômeno da violência em geral, e do Bullying em específico, a partir dos conceitos de projeção, identificação, narcisismo das pequenas diferenças, e Ideal de Eu almejando compreender, pelo menos em parte, o sujeito que a prática dentro das instituições de ensino. O artigo introduz com uma conceituação do público e a história de seu surgimento como fenômeno social, além de traçar perfis típicos das vítimas e dos agressores. O artigo continua utilizando como base o livro de Freud “A psicologia das massas e a análise do Eu” para justificar o comportamento dos assediadores. Neste sentido, aspectos psicanalíticos como o narcisismo e projeção são os mecanismos que atuam de forma a estabelecer uma identidade grupal em oposição ao outro, o diferente e o excluído, que será a vítima da violência

O artigo "Facebook: negociação de identidades e o medo da violência" explora como o medo se manifesta tanto na vida online quanto offline, especialmente no Facebook. Rosa e colaboradores (2014), apresentam algumas inseguranças semelhantes à vida real, e o medo que os usuários sentem está relacionado à negociação de suas identidades dentro da plataforma.

Esse medo se manifesta de diversas formas: receio de expor a intimidade, sofrer violência urbana, lidar com contradições entre a vida online e offline, prejudicar a carreira e ser mal interpretado por outros usuários. A mídia, por sua vez, pode contribuir para a intensificação desse medo, exagerando os riscos das novas tecnologias.

Apesar do medo, a violência online é uma realidade que não pode ser ignorada. Ela pode ter graves consequências, como danos físicos e psicológicos, e até mesmo suicídio. Diante disso, é fundamental que a legislação e a sociedade se conscientizem sobre esses perigos e busquem formas de proteger os usuários.

O texto conclui que não existe uma dicotomia entre online e offline: os medos e preocupações se estendem para ambos os mundos. A atenção deve se voltar para como esses medos e a negociação de identidades impactam os usuários, reconhecendo tanto os benefícios quanto os riscos das tecnologias digitais.

Os autores acreditam que a violência pode ser uma manifestação de conflitos internos não resolvidos. Quando desejos e impulsos são reprimidos, podem se expressar de maneira distorcida e agressiva. A violência, nesse contexto, é vista como um sintoma de tensões psíquicas subjacentes.

Eles argumentam que os indivíduos, quando em grupo, podem agir de maneiras que nunca fariam isoladamente. A identificação com o grupo pode levar à liberação de impulsos agressivos que são normalmente reprimidos.

A violência muitas vezes está relacionada a experiências traumáticas, tanto como causa quanto como efeito. O trauma pode levar a uma repetição compulsiva de comportamentos violentos, como uma tentativa de dominar ou integrar a experiência traumática.

A psicanálise oferece um conjunto de ferramentas teóricas e terapêuticas para entender a violência. Ao explorar os impulsos inconscientes, os conflitos internos e as dinâmicas sociais, a psicanálise ajuda a iluminar as raízes profundas da violência e oferece caminhos para a sua compreensão e potencial transformação.

**Internet e sexualidade**

Sfoggia e colaboradores (2014), argumentam que as novas tecnologias moldam nossos comportamentos sociais e sexuais, exigindo adaptação a novos códigos e convenções. A fronteira entre público e privado se torna difusa, com a internet invadindo todos os espaços.

O cibersexo se insere nesse contexto, proporcionando a exploração de fantasias sem contato físico. As redes sociais, por sua vez, geram relações virtuais que podem ser vistas como individualistas, mas que também permitem a conexão social e sexual.

Ainda não é clara a linha entre o uso saudável e prejudicial da internet para fins sexuais. Estudos sugerem que o uso excessivo pode ser patológico, mas mais pesquisas são necessárias. É importante refletir sobre os novos modelos de interação social e sexual, considerando seu impacto na sociedade e na saúde mental. É preciso revisitar nossa bagagem cultural e científica ao avaliar os novos domínios virtuais, buscando um equilíbrio entre tradição e inovação.

A internet tem transformado a maneira como lidamos com a sexualidade, trazendo novos desafios e oportunidades do ponto de vista psicológico. Ela revolucionou a forma como as pessoas iniciam e mantêm relacionamentos românticos e sexuais.

A internet tem um impacto profundo e multifacetado na sexualidade, oferecendo tanto benefícios quanto desafios. Do ponto de vista psicológico, é essencial promover um uso responsável e informado da internet, fornecendo educação adequada e recursos de apoio para ajudar as pessoas a navegar esse complexo espaço de forma saudável e segura.

**Exclusão social**

Medeiros e colaboradores (2017) exploram como o discurso influencia e perpetua a segregação social. Ele examina como linguagem, estereótipos e narrativas são utilizados para justificar e manter a divisão entre grupos sociais. O estudo analisa como o poder discursivo é exercido para marginalizar e oprimir certos grupos, reforçando hierarquias de poder. Além disso, destaca como esses discursos segregacionistas podem ser desafiados e subvertidos por meio de estratégias de resistência e empoderamento. O objetivo é compreender melhor as dinâmicas do discurso na reprodução da segregação e promover uma reflexão crítica sobre como transformar essas estruturas sociais.

A misoginia online é um problema real e crescente no Brasil, com raízes na misoginia offline e influências de discursos estrangeiros. Ela se manifesta em diversas formas, como ataques, conteúdo misógino e disfarce em comunidades online. Seus efeitos são devastadores, causando danos psicológicos, silenciando as mulheres e reforçando estereótipos de inferioridade.

De acordo com Lima- Santos e colaboradores (2022), apesar da importância do tema, pesquisas sobre a misoginia online no Brasil ainda são incipientes, especialmente sobre grupos como Incels (celibatários involuntários). É necessário aprofundar o conhecimento sobre o tema e buscar soluções eficazes para combatê-la.

Combater a misoginia online exige reconhecê-la como um problema real, entender suas conexões com outras opressões e incentivar pesquisas que explorem suas diferentes formas e como combatê-la.

É fundamental construir uma internet mais justa e igualitária para todos, livre da misoginia. Para isso, é necessário desenvolver políticas públicas, ações educativas e incentivar a participação das mulheres na internet.

Ambos os estudos destacam a importância da linguagem e das narrativas na manutenção de hierarquias de poder e na marginalização de grupos específicos. Enquanto Medeiros e colaboradores abordam a segregação social em um contexto mais amplo, examinando como os discursos podem ser usados para justificar a divisão entre grupos sociais, Lima Santos e colaboradores focam na misoginia online, revelando como os ataques e estereótipos disseminados em comunidades digitais reforçam a inferiorização das mulheres.

Além disso, ambos os textos convergem na proposta de desafiar e transformar esses discursos opressivos. Medeiros et al. discutem estratégias de resistência e empoderamento para subverter narrativas segregacionistas, enquanto Lima Santos et al. enfatizam a necessidade de políticas públicas, ações educativas e maior participação das mulheres na internet para combater a misoginia online. Em essência, ambos os estudos sublinham a importância de compreender e enfrentar as dinâmicas discursivas que perpetuam a exclusão social, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva.

**Sofrimento Psíquico**

Corrêa e colaboradores (2022), exploram a relação entre as imagens e a psique humana, sob uma perspectiva psicanalítica. A autora destaca como as imagens exercem um poderoso impacto sobre o psiquismo, influenciando emoções, desejos e memórias. Ela argumenta que, além do conteúdo manifesto das imagens, é crucial considerar seu significado latente e as associações inconscientes que evocam nos espectadores.

Além disso, o texto examina o papel das imagens na construção da identidade individual e coletiva, destacando como elas refletem e moldam as representações sociais e culturais. A autora analisa como as imagens veiculadas pela mídia, pela publicidade e pelas redes sociais contribuem para a formação de padrões estéticos, ideais de beleza e modelos de comportamento.

Outro aspecto abordado é a relação entre as imagens e o processo de subjetivação, ou seja, como elas influenciam a percepção que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo ao seu redor. A autora discute como as imagens podem atuar como espelhos narcísicos, reforçando ou desafiando a autoimagem e a autoestima dos indivíduos, e como podem servir como instrumentos de resistência e empoderamento.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma abordagem psicanalítica para compreender as complexidades do mundo das imagens, enfatizando a necessidade de uma análise cuidadosa das fantasias, dos conflitos e das defesas psíquicas envolvidas na produção e na recepção das imagens. A autora conclui que, ao olharmos para o mundo das imagens com um olhar psicanalítico, podemos ampliar nossa compreensão da mente humana e dos processos de significação e representação que permeiam nossa experiência visual

Rosa e colaboradores (2015), analisam o impacto das redes sociais na formação da identidade individual e na elaboração psíquica dos usuários. A autora destaca como as redes sociais se tornaram espaços privilegiados para a construção e exibição de uma versão estetizada do self, onde os usuários curam meticulosamente suas imagens e experiências para se apresentarem de maneira mais atrativa. Essa estetização do self, muitas vezes, está relacionada à busca por aceitação social e validação, criando uma dinâmica de autopromoção e comparação constante.

Além disso, o texto explora como essa busca incessante por uma imagem idealizada de si mesmo nas redes sociais pode influenciar a autoestima e a autoimagem dos usuários. A autora discute como a exposição a padrões irreais de beleza e sucesso promovidos nas plataformas digitais pode gerar sentimentos de inadequação e insatisfação com o próprio corpo e estilo de vida. Essa pressão pela conformidade com os ideais estéticos dominantes pode gerar ansiedade e até mesmo distúrbios psicológicos entre os usuários.

Outro ponto abordado é o papel das redes sociais na construção de relações interpessoais e na formação de vínculos afetivos. A autora analisa como as interações online podem oferecer uma sensação de conexão e pertencimento, mas também como podem ser superficiais e efêmeras. Ela discute como a exposição excessiva à vida privada nas redes sociais pode afetar a intimidade e a autenticidade das relações, criando uma dinâmica de performance e distanciamento emocional.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma reflexão crítica sobre o papel das redes sociais na estetização do self e na elaboração psíquica dos usuários. A autora destaca a necessidade de promover uma cultura digital mais consciente e equilibrada, que valorize a diversidade de experiências e corpos, e que reconheça o potencial das redes sociais para promover a conexão genuína e o desenvolvimento pessoal e emocional dos usuários.

Nos textos sobre sofrimento psíquico, os autores argumentam acerca de como o psiquismo é afetado pelas imagens e pelos discursos, o que pode ocasionar em sofrimento em algum ponto. As imagens construídas principalmente a partir da mídia e da publicidade, tendem a criar constructos na mente dos sujeitos e influencia-los das mais variadas maneiras. Em um dos trabalhos, tece-se uma análise crítica sobre a forma como estes aspectos podem gerar conflitos negativos na personalidade do sujeito, conforme argumenta a autora: “O texto explora como essa busca incessante por uma imagem idealizada de si mesmo nas redes sociais pode influenciar a autoestima e a autoimagem dos usuários... a exposição a padrões irreais de beleza e sucesso promovidos nas plataformas digitais pode gerar sentimentos de inadequação e insatisfação com o próprio corpo e estilo de vida. Essa pressão pela conformidade com os ideais estéticos dominantes pode gerar ansiedade e até mesmo distúrbios psicológicos entre os usuários”.

**Comportamento Online**  
 Ferreira e colaboradores (2018), argumentam que a falta de estudos que contextualizem o cyberbullying na cibercultura e em seus modos de socialização é um problema. A juventude que vivencia o cyberbullying é "nativa digital", com comportamentos e linguagens próprios, e a cibercultura é crucial para a afirmação identitária desse segmento.

Apesar da redundância conceitual, houve um avanço significativo na busca por aprofundar as especificidades do cyberbullying. O que o diferencia do bullying tradicional são:

A) expansão exponencial do público de expectadores.

B) A disseminação do conteúdo ofensivo por tempo indeterminado.

C) A dificuldade de apagar o conteúdo, como no caso de sexting.

C) A possibilidade de ocorrer em qualquer tempo e lugar.

D) Os mecanismos de ocultação de conteúdos que dificultam a detecção prévia por parte dos adultos.

A revisão de Chan e Wong (2013) apresenta vieses sexistas ao analisar a prevalência de cyberbullying por gênero. Afirma que a maior habilidade dos meninos no uso de tecnologias justifica que eles sejam os maiores intimidadores, sem considerar as diferenças no acesso à tecnologia, cultura e educação entre homens e mulheres. Estudos de Chisholm (2011) e Wingate et al. (2007) reforçam estereótipos de que meninas se envolvem mais em cyberbullying relacional, e que a natureza "competitiva" das mulheres as leva a práticas de cyberbullying para excluir pessoas em redes sociais.

Há consenso sobre os impactos na saúde mental e no cotidiano escolar dos intimidados, mas poucos estudos reconhecem impactos entre os intimidadores. Na área da saúde, o tema é recente e pouco disseminado, enquanto na educação, é mais discutido devido à correlação com o bullying tradicional.

É importante considerar a cibercultura na análise do cyberbullying, que apresenta desafios específicos que exigem medidas de prevenção e combate adequadas. É preciso considerar as questões de gênero na análise do cyberbullying e evitar vieses sexistas. Os impactos do cyberbullying na saúde mental e no cotidiano escolar precisam ser mais bem pesquisados e combatidos.

Gomes e colaboradores (2021), exploram a dinâmica da exposição dos adolescentes nas redes sociais, propondo uma reflexão sobre esse fenômeno. A autora destaca como os jovens utilizam essas plataformas para compartilhar aspectos de suas vidas, construindo narrativas visuais que refletem sua identidade e pertencimento social. No entanto, ela questiona se essa exposição é verdadeiramente reflexiva ou se é moldada por padrões estéticos e culturais predefinidos.

Além disso, o texto analisa o papel das redes sociais na formação da autoimagem e na busca por validação social por parte dos adolescentes. A autora discute como a quantidade de likes, comentários e compartilhamentos pode influenciar a autoestima e o senso de valor próprio dos jovens, criando uma dinâmica de busca por aprovação e reconhecimento nas redes sociais.

Outro aspecto abordado é a relação entre a exposição nas redes sociais e a construção de relações interpessoais. A autora questiona se a superficialidade das interações online substitui ou complementa as relações offline, e como essa dinâmica influencia o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais dos adolescentes.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma abordagem crítica e reflexiva em relação à exposição dos adolescentes nas redes sociais, que leve em consideração tanto os benefícios quanto os riscos dessa prática. A autora destaca a necessidade de promover uma maior conscientização sobre questões como privacidade, segurança online e autenticidade, visando capacitar os jovens a fazerem escolhas mais conscientes e responsáveis no ambiente digital.

Dias e colaboradores (2019), investigam o uso das redes sociais por adolescentes, avaliando se essa prática representa mais um risco ou um rito de passagem. A autora aborda os benefícios e desafios associados ao uso intensivo das redes sociais nessa faixa etária. Ela discute como a participação online pode oferecer oportunidades de expressão, conexão social e desenvolvimento de habilidades digitais, mas também expõe os adolescentes a diversos riscos, como cyberbullying, exposição à pornografia e predadores online.

Além disso, o texto examina o papel das redes sociais na construção da identidade adolescente e na negociação das relações sociais. A autora argumenta que, ao navegarem por esses espaços virtuais, os adolescentes enfrentam pressões para se encaixar em padrões de beleza, popularidade e comportamento, ao mesmo tempo em que buscam afirmar sua individualidade e autonomia.

Outro ponto abordado é a influência das redes sociais na saúde mental dos adolescentes. A autora discute como o uso excessivo dessas plataformas pode contribuir para o desenvolvimento de problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima, mas também como elas podem servir como ferramentas de apoio emocional e de busca por informações sobre saúde mental.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma abordagem equilibrada e consciente em relação ao uso das redes sociais por adolescentes, que reconheça tanto os benefícios quanto os riscos associados a essa prática. A autora destaca a necessidade de uma maior educação digital e de um diálogo aberto entre pais, educadores e jovens, visando promover um uso mais seguro e saudável das redes sociais durante essa fase crucial do desenvolvimento humano.

O texto "Facebook e a era da visibilidade: algumas composições com a psicanálise", redigido por Nicaretta e colaboradores (2017), investiga as dinâmicas de visibilidade proporcionadas pelo Facebook e sua interseção com conceitos psicanalíticos. O autor examina como a plataforma redefine os padrões de exposição e interação social, permitindo aos usuários compartilharem e serem vistos de maneiras antes inimagináveis. Ele destaca como essa visibilidade constante pode impactar a construção da identidade online e offline dos usuários, influenciando sua autoimagem e relacionamentos.

Além disso, o texto explora o papel do Facebook na formação de relações interpessoais e na expressão dos desejos e fantasias dos indivíduos. O autor discute como as interações na plataforma podem refletir dinâmicas psicológicas inconscientes, como a busca por reconhecimento, a rivalidade e a projeção de ideais de vida. Ele analisa como esses elementos psíquicos influenciam a forma como os usuários se apresentam e se relacionam no ambiente digital.

Outro aspecto abordado é o fenômeno da autopromoção nas redes sociais e sua relação com o narcisismo e a necessidade de validação social. O autor examina como os usuários utilizam o Facebook como uma ferramenta para construir uma imagem idealizada de si mesmos, buscando obter aprovação e admiração de sua rede de contatos. Ele questiona os efeitos dessa busca incessante por visibilidade e validação na saúde mental e no bem-estar emocional dos usuários.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma análise crítica e reflexiva do papel do Facebook na era da visibilidade, à luz dos princípios psicanalíticos. O autor destaca a necessidade de compreender as complexas interações entre a plataforma digital e os processos psicológicos individuais e coletivos, visando promover uma relação mais consciente e saudável com a exposição e a interação nas redes sociais.

Queiroga e colaboradores (2016), abordam o fenômeno da formação de massas nas redes sociais e seu impacto na construção de um novo ideal de identidade. O autor destaca como as plataformas digitais facilitam a conexão entre indivíduos, permitindo a formação de comunidades virtuais baseadas em interesses comuns, valores compartilhados ou identidades coletivas. Essas massas online, muitas vezes, se organizam em torno de líderes carismáticos ou ideais coletivos que exercem influência sobre o comportamento e as crenças dos participantes.

Além disso, o texto explora como a busca por pertencimento e reconhecimento nas redes sociais pode influenciar a construção da identidade individual. O autor discute como os usuários das redes sociais tendem a se moldar de acordo com os padrões estabelecidos pelos grupos aos quais pertencem, buscando se encaixar em determinados ideais de beleza, sucesso ou estilo de vida. Essa busca por um novo ideal do eu, muitas vezes, é mediada pela busca por aceitação e validação social nas redes sociais.

Outro aspecto abordado é a formação de comunidades de ódio e intolerância nas redes sociais, que se baseiam na exclusão e na demonização de grupos considerados diferentes ou ameaçadores. O autor analisa como a polarização política e social nas redes sociais pode levar à formação de massas movidas por discursos de ódio e violência, exacerbando conflitos e divisões na sociedade.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma reflexão crítica sobre o papel das redes sociais na formação das massas e na busca por um novo ideal do eu. O autor destaca a necessidade de promover uma cultura digital mais inclusiva, empática e consciente, que valorize a diversidade de experiências e perspectivas e que reconheça o potencial das redes sociais para promover o diálogo construtivo e a transformação social positiva.

Os textos compartilham uma preocupação comum com os impactos do comportamento online dos jovens. Ambos exploram como as interações nas redes sociais afetam a vida dos adolescentes, embora de maneiras distintas.

Eles destacam como esta prática nociva difere do bullying tradicional pela sua permanência e alcance ampliado. Ele sublinha os efeitos devastadores na saúde mental das vítimas e a necessidade de mais pesquisas e estratégias de intervenção específicas para o ambiente digital. Desta forma, os textos também abordam a prática de exibição dos adolescentes na internet e analisa como os jovens utilizam as redes sociais para expressar suas identidades buscar validação. Ambos os textos ressaltam a necessidade de uma abordagem crítica e consciente sobre o uso das redes sociais pelos adolescentes, reconhecendo tanto os benefícios quanto os riscos, promovendo, assim, um ambiente digital mais saudável e reflexivo.

**Sociopolítica**

Ribeiro de Lima e colaboradores (2022), explora a interseção entre a psicanálise e a crítica social, destacando como a escuta do sofrimento psíquico pode revelar questões sociopolíticas subjacentes. Ele discute como a abordagem psicanalítica pode ajudar a compreender e abordar problemas sociais, como desigualdade, injustiça e exclusão. Além disso, examina o papel do psicanalista na promoção da mudança social e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. O artigo introduz versando sobre o pacto social que estrutura as famílias e consequentemente os ideais de mundo do sujeito. O contrato narcísico também se torna um objeto importante, pois versa sobre as exigências de satisfação do mundo externo e de mudança do mundo interno do sujeito. Em discussão sobre as raízes sociais da neurose, destaca que essa frustração, proveniente tanto da impossibilidade de encontrar novo objeto de investimento quanto da impossibilidade do sujeito em se adequar, pode ser compreendida mediante discurso social. O sofrimento desencadeado pela frustração pode surgir também quando o discurso social desvaloriza e desautoriza as figuras de identificação desse sujeito. A desvalorização narcísica é assim sentida quando a imagem que os outros refletem é uma imagem negativa. O eu sou desse modo, atacado em sua imagem e seus objetos de identificação são retirados. O artigo prossegue então abordando os métodos sob os quais se realizou, e a narrativa analisada neste artigo é decorrente de um projeto de extensão e pesquisa realizado em um centro de atendimento psicológico, público e gratuito, de uma universidade pública. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil. A condução das entrevistas individuais e dos encontros em grupo foi feita pela pesquisadora, e a análise dos dados e construção teórica foram feitas por ambos os pesquisadores. O projeto abrangeu a escuta clínica de idosas socialmente excluídas que, após atendimentos individuais, foram encaminhadas para atendimentos grupais. Os dados pessoais foram alterados de forma a preservar o sigilo e confidencialidade da entrevista. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas com autorização dos participantes. É analisado um caso em que a entrevistada relata sua vida de privações e a velhice desamparada. O artigo conclui frisando que, para que se entenda as dinâmicas que envolvem a exclusão social do sujeito, é necessário ouvir e entender os sofrimentos individuais, pois é a partir deles que se obtém o termômetro social.  
 Nalli e colaboradores (2019), falam sobre a tristeza como resultado da violência psicopolítica operada pelo sistema capitalista. Essa violência se manifesta de diversas formas, como a exigência de alta performance, a busca por resultados ótimos em todas as áreas da vida, a constante avaliação e julgamento de si e dos outros, e a necessidade de reconhecimento e validação através das redes sociais.

Essas práticas levam à desestruturação subjetiva, ao auto esgotamento niilista e à tristeza. A tristeza, nesse contexto, é a própria violência internalizada e auto infligida.

A violência psicopolitica capitalista se caracteriza pela sobreposição performativa do eu, pela busca incessante por reconhecimento e pela angústia do desinteresse do outro. Essa angústia é marcada pelo cansaço tedioso e depressivo, que pode levar ao colapso fatal.

Sousa e colaboradores (2023), argumentam que a internet possibilitou a ampliação dos modos de relacionamento humano e afetivo, especialmente por meio das redes sociais digitais que se tornaram espaço de vivências virtuais entre diferentes pessoas e contextos no mundo inteiro. Ela trouxe ainda um grande e veloz fluxo de informações que circulam e promovem um movimento de ruptura e atropelamento das barreiras que separam o público do privado, o que, por vezes, na contramão do que se conceitua como avanço, resulta em intolerância, ódio e violência.

Mesmo com as crescentes manifestações do ódio que se reverberam sem pudor em diversos âmbitos, ainda se trata de uma problemática pouco explorada. Dias (2012) se surpreende com a pouca abordagem da temática que segundo ele mostra “certo compartilhamento com os ideais morais da nossa civilização – que procuram sempre manter o ódio afastado da vida cotidiana como sinônimo do que deve ser eliminado.” (p. 24). O ódio está presente desde a constituição do sujeito. No entanto, o que o torna um fenômeno problemático é a saída desse afeto do campo imaginário em direção ao outro com agressividade e hostilidade, como se tem manifesto repetidamente em ambientes sociais diversos.

Esses fenômenos não ocorrem por acaso, mas, sim, podem ser considerados estratégias utilizadas na tentativa de criar uma cortina de fumaça enquanto tramitam pautas importantes como as que visam a destituição de direitos, dentre outras que promovem grandes perdas sociais. As condições necessárias para resistir, estariam ligadas a “descortinar a fumaça dos ódios”.

É possível pensar a questão do ódio em Freud a partir da transferência positiva e negativa, em que o ódio aparece como constituinte da experiência humana. No trabalho Os instintos e seus destinos (1915/2013), Freud tratou o ódio como uma paixão primária, mais antiga que o amor, associando-o ao prazer-desprazer. Nesse sentido, com relação ao objeto que produz prazer, há uma tendência de aproximação do Eu, ao contrário do objeto que resulta em desprazer, em que o Eu buscará se manter distante. “O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam sensações desprazerosas (...)” (Freud, 1915/2013).

Jalles e colaboradores (2023), abordam a influência das redes sociais na dinâmica política do Brasil, sob uma perspectiva psicanalítica. A autora destaca como essas plataformas funcionam como um espaço de expressão coletiva e como os fenômenos de massa são moldados e potencializados por elas. Ela argumenta que, nesse contexto, os indivíduos tendem a se identificar com ideias e líderes políticos de forma irracional, muitas vezes influenciados por impulsos inconscientes e emocionais.

Além disso, o texto explora como a polarização política se intensifica nas redes sociais, criando bolhas de opinião e dificultando o diálogo entre diferentes pontos de vista. A autora analisa como os algoritmos das plataformas contribuem para a formação dessas bolhas, ao privilegiar conteúdos que reforçam as crenças e valores dos usuários, amplificando a fragmentação da sociedade.

Outro ponto abordado é o papel dos líderes políticos na manipulação das massas através das redes sociais, utilizando estratégias emocionais e discursos simplificados para mobilizar seus seguidores. A autora ressalta como a falta de reflexão crítica e a tendência ao pensamento binário são características marcantes desse contexto, alimentando um ciclo de radicalização e intolerância.

Por fim, o texto ressalta a importância de uma análise psicanalítica para compreender as dinâmicas políticas contemporâneas, destacando a necessidade de uma abordagem mais profunda e reflexiva sobre o papel das emoções e do inconsciente na formação das opiniões e comportamentos políticos na era digital.

Os cinco artigos usam como base comum a perspectiva social dos itens analisados, sendo a política um objeto comum a todos. Desde a violência produzida pelo sistema capitalista e sua opressão política, passando pelo desamparo cujo impacto é sentido pelos mais pobres, devido sua exclusão social, os trabalhos se caracterizam por uma visão crítica aos paradigmas sociais vigentes no país, pautados por uma absurda desigualdade. Analisam também o impacto que a macro política, em um sentido empírico, influenciam a vida dos cidadãos, sobretudo por meio das políticas públicas e ações governamentais. Outros pautam-se na questão sobre como a internet, e principalmente as redes sociais, influenciam a psique do sujeito e em como as relações estabelecidas nestes espaços refletem a condição política do ambiente real. A relação é clara: o meio social, tendo como base dorsal a política, causa os mais diversos impactos na vida da população, ditando seu comportamento nas redes e em sua vida.

# CONCLUSÃO

Em todos os casos aqui referenciados, ficou evidente que as redes sociais são os instrumentos pelos quais comportamentos violentados são perpetrados, o que indica a parcela de responsabilidade das mesmas na contenção e repressão de tais acontecimentos. Apesar de as plataformas possuírem seu ordenamento interno por meio dos termos de uso, que preveem a remoção de conteúdo considerado inapropriados, e de haver, no Brasil, o marco civil da internet, que regulamenta o uso da internet no país (porém não trata especificamente de redes sociais) ainda assim, estes são insuficientes para lidar com a complexidade de algumas interações. No Brasil, o PL 2630/2020, inspirado no modelo alemão que regulamentou as redes sociais naquele no país, mostrou-se uma alternativa, pois tornava responsabilidade das plataformas a moderação de um conteúdo ou perfil antes de sua criação (Albuquerque, 2022), o que reduziria o alcance de discursos violentos. O projeto foi sabatinado na câmara dos deputados em 2023, porém não encontrou aprovação. Desta forma, as redes sociais continuam a operar no país sem uma legislação específica que as regule, o que propicia que situações criminosas, sob o pretexto de liberdade de expressão, continuem a ocorrer.

Em suma, a grande contribuição da psicanálise para este tema, consiste em revelar as complexidades emocionais e inconscientes envolvidas no cancelamento, nos convidando a refletir sobre a necessidade de maior empatia, diálogo e autorreflexão nas redes sociais, a fim de evitar que práticas punitivas e excludentes perpetuem um ciclo de violência simbólica e alienação. A interpretação de tal fenômeno a partir do filtro das ciências da saúde é importantíssimo, possibilitando que os sujeitos envolvidos (tanto o causador da violência quanto àquele que sofre) tenham suas motivações e sentimentos abrangidos, possibilitando assim, a compreensão deste fenômeno, e consequentemente, a elaboração de maneiras de mitiga-lo, a fim de reduzir o sofrimento mental da população usuária de internet.

REFERÊNCIAS

Sousa, Alana Rodrigues; Roure, Susie Amâncio Gonçalves de. - Os Discursos de Ódio na Contemporaneidade: Da Face Subjetiva à Face Política - Hate Speeches in Contemporaneity: From the Subjective to the Political Aspects - Los Discursos de Odio en la Contemporaneidad: De la Vista Subjetiva a la Vista Política - Estud. pesqui. psicol. (Impr.);23(4): 1542-1559, dez. 2023.

Jalles, Nathália Carvalho de Souza; Rinaldi, Doris Luz. - Os Fenômenos de Massa e as Redes Sociais no Contexto Político Brasileiro: Uma Leitura Psicanalítica - Mass Phenomena and Social Networks in the Brazilian Political Context: A Psychoanalytic Reading - Fenómenos de Masas y Redes Sociales en el Contexto Político Brasileño: Una Lectura Psicoanalítica - Estud. pesqui. psicol. (Impr.);23(4): 1577-1596, dez. 2023.

Corrêa, Clara Maia Nicolato; Ferrari, Ilka Franco. - Olhar para o mundo das imagens: uma leitura psicanalítica - A Gaze into the World of Images: through a psychoanalytic point of view - Le Regard du Monde des Images: une lecture psychanalytique - Tempo psicanál;54(1): 89-109, jan.-jun. 2022.

GOMES, ALICE CHAVES DE CARVALHO; PEDROSA FILHO, RAIMUNDO BENONE DE ARAÚJO; TEIXEIRA, LEÔNIA CAVALCANTE. - Neither see, nor look: viewing! On adolescents&#039; exhibition on social media - Nem ver, nem olhar: visualizar! sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais - Agora (Rio J.);24(1): 91-99, Jan.-Apr. 2021.

Dias, Vanina Costa; Lima, Nadia Laguardia de; Kelles, Natalia Fernandes; Gomes, Patricia da Silva; Silva, Candida Rosa da. - Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? - Teens in the Network: Risks or Rites of Passage? - Adolescentes en la Red: ¿Riesgos o Ritos de Paso? - Psicol. ciênc. prof;39: 1-15, jan.-mar.2019.

Nicaretta, Fernanda; Pretto, Bernardete. - Facebook e a era da visibilidade: algumas composições com a psicanálise - Facebook and the visibility era: some compositions with psychoanalysis - Reverso;39(74): 83-89, dez. 2017.

Queiroga, Cíntia Silva; Barone, Leda Maria Codeço; Costa, Beethoven Hortencio Rodrigues da. - Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu - A brief thought on the formation of masses on social networking websites and the search for a new ego-ideal - Una breve reflexión sobre la formación de las masas en las redes sociales y la búsqueda de un nuevo ideal de yo - Une brève réflexion concernant la formation des masses dans les réseaux sociaux et la recherche d&#039;un nouvel idéal du moi - J. psicanal;49(91): 111-126, dez. 2016.

Rosa, Gabriel Artur Marra e. - Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade - Aestheticization of the self and psychic elaboration: effects of social networks on subjectivity - Estilización del Self y elaboración psíquica: repercusiones de las redes sociales en la subjetividad - Bol. Acad. Paul. Psicol. (Impr.);35(89): 424-440, 2015.

Rosa, Gabriel Artur Marra e; Santos, Benedito Rodrigues dos. - Facebook: negociação de identidades e o medo da violência - Facebook: negotiation of identities and fear of violence - Facebook: negociación de identidades y el miedo a la violencia - Arq. bras. psicol. (Rio J. 2003);66(1): 18-32, 2014.

Sfoggia, Ana; Kowacs, Clarice. - Sexualidade e novas tecnologias - Sexuality and new technologies - Rev. Bras. Psicoter. (Online);16(2): 4-17, 2014

Nalli, Marcos Alexandre Gomes; Mansano, Sonia Regina Vargas. - Da violência psicopolítica na contemporaneidade: uma análise das dimensões afetivas - De la violencia psicopolítica en la contemporancia: un analisis de dimensiones afectivas - On psychopolitical contemporary violence: an analysis of the affective dimensions - Psicol. Estud. (Online);24: e43021, 2019.

Ferreira, Taiza Ramos de Souza Costa; Deslandes, Suely Ferreira. - Cyberbulling: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde - Cyberbullying: concepts, dynamics, characters and health implications - Ciênc. Saúde Colet. (Impr.);23(10): 3369-3379, Out. 2018. Tab.

Lima-Santos, André Villela de Souza; Santos, Manoel Antônio dos. - Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital - Incels and On-Line Misogyny in Times of Digital Culture - Incels y Misoginia Online em Tiempos de Cultura Digital - Estud. pesqui. psicol. (Impr.);22(3): 1081-1102, set. 2022.

Mônica Medeiros Kother Macedo; Raíssa Ramos da Rosa; Mariana Machado Felin; Marina Ryff Moreira Friedrich; Isabela Alencastro Kother - A escrita psicanalítica sobre violência e preconceito: uma revisão sistemática. Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2023e-ISSN: 1980-8623 | ISSN-L: 0103-53711 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.2 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Monique Marques Longo - A Projeção do Ódio ao Diferente na Escola: Bullying numa Leitura Freudiana - Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 44 n. 47, p. 207-219, jul./dez. 2022.

Priscilla Melo Ribeiro de Lima; Sostenes Cezar de Lima ; Psicanálise Crítica: A Escuta do Sofrimento Psíquico e Suas Implicações Sociopolíticas - Lima, P. M. R., & Lima, S. C. (2020). Psicanálise Crítica: A Escuta do Sofrimento Psíquico.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Trotter, W. (1938). *Peace and War*. London: G. Allen & Unwin.

https://tecnologia.ig.com.br/2019-03-14/massacre-suzano-chans.html

https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/06/a-idolatria-a-autores-de-ataques-a-escolas-que-circula-livremente-em-redes-sociais.ghtml

https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/04/ataques-em-escolas-antes-restrito-a-deep-web-conteudo-extremista-contribui-para-aumento-de-casos.ghtml

Albuquerque, Carlos Antônio Menezes de. Regulação das plataformas de redes sociais: a moderação do conteúdo e seus reflexos na liberdade de expressão em tempos de desinformação / Carlos Antônio Menezes de Albuquerque. - Recife, 2022. 52 f.